

# Mudanças climáticas ameaçam espécies marinhas na Antártida



A grande diversidade de espécies marítimas que habita a península antártica está em perigo devido ao **aquecimento global** e à ação dos homens, segundo uma pesquisa de cientistas argentinos.

As substâncias liberadas na atmosfera pelas **atividades industriais e agropecuárias** no mundo todo terminam, pela própria ação da natureza, nas **regiões polares e provocam um aumento nas temperaturas da área**.

Esse é um dos fenômenos que contribuiu para transformar a península antártica no ponto austral onde as temperaturas se elevaram com maior rapidez nos últimos 50 anos, o que ainda intriga os analistas.

"Isso se vê acelerado por oscilações anualizadas associadas ao fenômeno do *El Niño* e à mudança dos centros de alta e baixa pressão que ocorre no Atlântico Sul, motivo pelo qual os ventos predominantes foram do mar, que tem maior temperatura, ao continente", explicou o pesquisador Ricardo Sahade, do Instituto Antártico Argentino.

Essas mudanças profundas, somadas à atividade nas bases instaladas no continente gelado, afetaram o **ecossistema**, sobretudo o meio submarino bentônico, ou seja, a vida que habita o leito do mar.

Professor da Universidade Nacional de Córdoba e pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (CONICET), Sahade integra uma equipe de especialistas que se dedica, desde 1994, a estudar na enseada Potter, da base argentina Carlini, as consequências do aquecimento global nessas comunidades submarinas.

"90% das geleiras da península retrocede e na enseada Potter foi muito evidente. Há uma geleira que, em 1996, terminava no mar e agora retrocedeu ao ponto de deixar uma nova ilha descoberta", acrescentou.

Esse retrocesso causou a entrada de sedimentos da terra no mar, o que dificulta a **alimentação das espécies bentônicas** que se nutrem de filtrar partículas de água.

"Aí vimos grandes mudanças nessas comunidades em um tempo muito curto, o que era absolutamente inesperado", ressaltou Sahade.

As espécies que mais sofreram as consequências foram as ascídias, conhecidas como "batatas do mar", embora também tenham sido afetadas as esponjas, os corais e algumas algas marinhas.

"É a primeira mudança que se observa desta magnitude pela mudança climática", especificou o pesquisador argentino, que admitiu que o maior conhecimento do impacto na vida animal se observa

nos arredores das bases.

"Os fiordes, como o espaço analisado na enseada Potter, praticamente não foram estudados e o que estamos vendo é que isso pode estar ocorrendo ao longo de toda a península", disse.

Além disso, os cientistas tentam esclarecer as incógnitas sobre a ilha recém descoberta após o retrocesso da geleira, que apareceu cheia de microorganismos.

Os cientistas se perguntam se esses microorganismos já viviam sob o gelo ou se desenvolveram nos seis anos que demoraram desde que a geleira deixou descoberta o lugar até que tomaram as mostras para analisar.

"Na Antártida, todos os processos biológicos, como a colonização, são muito lentos" e qualquer das duas opções tem desconcertados os especialistas, acrescentou Sahade. "Este lugar sempre nos traz surpresas", concluiu o cientista.

**Fonte: EFE**